

Tradução do russo e edição por CN, 28.09.2011

(original: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH\\_Lazar'\\_Moiseevich/\\_Kaganovich\\_L.\\_M..html](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH_Lazar'_Moiseevich/_Kaganovich_L._M..html))

---

## **Das memórias de Kaganóvitch (VII)<sup>1</sup>**

### *Anexos*

#### Notas para uma intervenção na reunião do Comité de Controlo do Partido adstrito ao CC do PCUS (1962)

1. Conheceis toda a história deste processo, por isso serei breve. Após a decisão da minha exclusão do CC, juntamente com os camaradas Mólotov, Malenkov e Chepílov, por «luta fraccionária», permanecendo membro do partido, tal como os camaradas indicados, trabalhei honestamente, como compete a um comunista, em prol do comunismo, cumprindo rigorosamente todas as decisões do partido e do CC.
2. Após cinco anos de honesta actividade comunista, na qualidade de membro de base do partido, em que desempenhei sem reparos as funções que me foram atribuídas na economia e cumpri empenhadamente as obrigações no partido e trabalho social, tal como Mólotov, Malenkov e Chepílov, fui expulso do partido em 1962.
3. Porquanto não podiam fazer-nos quaisquer outras acusações relativas à nossa actividade e conduta partidária, para além das que foram inscritas na resolução do

---

<sup>1</sup> Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 619-623. (N. Ed.)

Plenário de 1957, acusaram-nos de actos relacionados com a violação da legalidade durante a direcção de Stáline.

4. Todavia, camaradas, o XX Congresso, tendo aprovado uma resolução sobre as violações da legalidade, elegeu-me a mim, tal como a Mólotov, Malenkov e Chepílov, para o CC, depois, o Plenário do CC elegeu-nos para o *Presidium* do CC, isto apesar de já então se saber que Stáline não fora o único culpado pelas violações, e que o tinham também sido outros seus correligionários de trabalho: membros do *Presidium* e do CC, nomeadamente Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, bem como Khruchov, Mikoian, Chvernik e outros.

Depois do XX Congresso, o Plenário de Junho de 1957, tendo aprovado a resolução sobre «O Grupo Antipartido», excluiu-nos do CC, mas manteve-nos no partido, não obstante já na altura se ter falado sobre a defesa que fazíamos de Stáline.

5. Por isso, a repetição das antigas acusações e as acusações agora evocadas de acções ilegais, relacionadas com o chamado culto da personalidade, que conduziram à minha expulsão e de outros camaradas do partido, são artificiais e até contraditórias com o XX Congresso, que nos elegeu para o CC. Contradizem igualmente a resolução do CC de 1957, que nos manteve no partido. Não houve nenhuma ocorrência nova que possa dar legítimo fundamento partidário à minha expulsão, à de Mólotov e de Malenkov do partido. Tudo o que é agora levantado em concreto, por exemplo, contra mim, Kaganóvitch, já era conhecido quando decidiram não me expulsar do partido, mas manter-me nas suas fileiras. Ao trabalhar, por exemplo, no transporte ferroviário, nas condições difíceis de numerosos descarrilamentos e acidentes, parte significativa dos quais era provocada por diversionistas, espiões, nomeadamente trotskistas, como ficou provado nos processos judiciais, fui obrigado, tal como outros noutros ramos e sectores, a combater resolutamente os inimigos, denunciando e chamando à responsabilidade os culpados, bem como a punir os seus cúmplices. Nesta luta contra verdadeiros criminosos e seus cúmplices, com grande infelicidade, uma parte de pessoas inocentes também foi vitimada.

Creiam-me, sinto um grande pesar por isso e não me eximo à minha parte de responsabilidade pelo que aconteceu, mas é preciso ter presente e compreender a situação política dessa época, quando o fascismo preparava a guerra contra a nossa Pátria e a sua «quinta coluna» lutava ferozmente contra nós, em particular num sector tão decisivo como os caminhos-de-ferro. Por isso tínhamos de lutar decidida e implacavelmente. Os órgãos competentes apresentaram-nos provas convincentes e fundamentadas dos culpados, e nós concordámos com a sua detenção. Houve pessoas inocentes que foram denunciadas, mas também parte desses materiais eram convincentes da sua culpa, tanto mais que os próprios contribuíram para isso, em particular, ao fazerem posteriormente confissões.

6. A situação política escaldante da época, sobretudo a intensificação da espionagem e da diversão dos estados imperialistas, em primeiro lugar, evidentemente, da Alemanha hitleriana e do imperialismo japonês (que nos enviaram, por exemplo, juntamente com trabalhadores honestos libertados dos Caminhos-de-Ferro da China Oriental, uma grande quantidade de espiões japoneses e outros), exigia uma vigilância reforçada, acuidade e reacção rápida contra a sabotagem, que minava o avanço e o funcionamento normal dos caminhos-

de-ferro e, por essa via, a execução do plano quinquenal e a preparação do país para a resistência às forças agressoras que ultimavam a guerra contra a URSS.

Devo dizer-vos, todavia, que, não obstante tudo isto, a direcção do Commissariado das Vias de Comunicação (CVC) e eu próprio, enquanto Comissário do Povo, revelámos a necessária vigilância ao não concordar com muitas acusações feitas a quadros do transporte, baseadas em denúncias dos inimigos detidos. Contestei os materiais e as exigências dos órgãos de segurança visando a detenção de muitos quadros do transporte, e, em muitos casos, o CC e Stáline pessoalmente concordaram comigo. Poderia nomear um grande número de quadros, que exerciam na altura e continuaram a exercer funções de direcção no CVC e nas linhas, os quais permaneceram incólumes devido à nossa insistência, a despeito dos materiais apresentados contra eles pelos órgãos competentes.

Falo disto não para mostrar «mérito», mas para salientar que a par de punições justas de culpados, a par de inocentes vitimados, houve muitas condenações evitadas ou, como mais tarde os próprios diziam em conversas comigo, «salvações» da morte.

Tudo isto mostra que a situação era difícil e complexa, em todo o caso não tão simples e linear como muitos hoje imaginam, depois de o fascismo hitleriano e a sua «quinta coluna» terem sido destroçados e eliminados na URSS. Por isso, exprimindo os meus sentimentos de amargura, sofrimento e compaixão para com as famílias das vítimas inocentes, afirmo: não devemos sucumbir a sentimentos pessoais, mas sim abordar o assunto como gente politicamente madura. Tendo apurado graves erros e violações da legalidade, tendo-os criticado e revelado e tomado medidas para que não se repitam no futuro, não podemos deixar que isso nos desmagnetize, a nós e aos outros, mas devemos ter sempre presente que também hoje temos contra nós os imperialistas, que não se reconciliaram com as vitórias do socialismo e amolam a faca – ainda mais afiada – nuclear contra a União Soviética e outros países socialistas. O imperialismo reaccionário dos EUA e dos seus aliados aspira a ocupar o lugar do fascismo hitleriano como força liderante do imperialismo agressor. Eles não deixarão de nos combater, nomeadamente através da espionagem, diversão e sabotagem. Por isso, ao revelarmos e reconhecermos os erros e insuficiências, lamentando-os, admitindo a nossa parte de responsabilidade pela sua ocorrência, em caso algum podemos permitir um optimismo infundado, uma atitude não classista e apolítica, abdicar da vigilância, mas devemos preparar-nos para uma luta implacável contra os inimigos do socialismo, contra os inimigos da nossa Pátria, venham de onde vierem. Devemos ter sempre presente que nos espera ainda uma longa e áspera luta contra os inimigos até à vitória definitiva do socialismo e do comunismo!

7. Camaradas, peço que não interpretem estas minhas últimas reflexões gerais como o desejo de as sobrepor a erros concretos e pessoais. Acrescento aqui que erros semelhantes foram também cometidos, por exemplo, por Khruchov. Com efeito, a maioria dos quadros dirigentes, membros do *Bureau* do Comité de Moscovo do partido (CM), dos bairros e do Soviete de Moscovo, os quais, durante a direcção de Kaganóvitch, quando este foi secretário do CM, trabalhavam salutarmente, foram presos durante a direcção do CM de N. Khruchov. Ou ainda, por exemplo, os camaradas Mikoian e Chverník. O facto é que também eles enviaram para o Ministério da Segurança do Estado (*MGB*) as suas cartas concordando com a detenção não apenas de quadros de direcção, mas também de

membros do Colégio e dos seus próprios adjuntos, e por vezes não apenas concordando, mas também pedindo a detenção, tendo em conta os materiais incriminatórios do *MGB*.

Não pensem que ao falar disto, exijo a expulsão do partido de Khruchov, Mikoian, Chvernik, etc. Ou que pretendo que me equiparem a eles como membro do CC e do seu *Presidium*. Pretendo apenas a minha reintegração no partido, ao qual dediquei mais de 50 anos da minha vida, por cuja vitória lutei incansável, conseqüente e abnegadamente. Não vou aqui relatar a minha biografia, todos vós sabeis que fui, nomeadamente, presidente da Comissão de Controlo do Partido. Direi apenas que, através de um trabalho obstinado, uma dedicação total e uma fidelidade abnegada à doutrina de Marx e de Lénine e ao nosso querido partido, de operário me tornei num dirigente do partido. Lutei e luto contra todos os seus inimigos, pela orientação geral leninista, pela vitória do socialismo e do comunismo, pela vitória da paz entre os povos, do socialismo e da revolução em todos os países do mundo!

Tenho ainda vitalidade e capacidade de trabalho, quero agir e lutar pela causa do comunismo, como membro do meu querido e amado partido leninista, e peço-vos, camaradas, membros do Comité de Controlo do Partido, que me reintegrem nas fileiras do Partido Comunista da União Soviética!